37-3:E

Ano IV — Lisboa, Agosto de 1948 — N.º 40

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

HÁ TREZENTOS ANOS

A Restauração de Angola

Não podem os escoteiros ficar indiferentes a esta data que passa no próximo dia 15 de Agosto: referimo-nos ao tricentenário da restauração de Angola. E dizemos isto, porque nesta página da nossa História, poderemos encontrar preciosos ensinamentos na atitude daqueles que levaram a cabo esta empresa.

Realmente, quantas vezes desistimos de uma iniciativa só porque ela se encontra rodeada dalgumas dificuldades? Porém, a reconquista de Angola fez-se no meio de grandes dissabores e à custa dos maiores sacrifícios, parecendo que tudo queria contrariar os desígnios dos Portugueses. A audácia, o valor e a perseverança evidenciados pelos homens sobre quem estava depositada essa tarefa, conseguiram levar de vencida todas as contrariedades. Só assim foi possível reaver essa parcela do nosso território, a mais portuguesa de todas as nossas províncias ultramarinas.

Hoje, os escoteiros portugueses podem levantar no alto das suas bandeirolas o nome de Salvador Correia de Sá, o valoroso obreiro destas vitórias que enobrecem tanto as páginas da história da nossa colonização.

Portugal, oprimido debaixo do jugo dominador estrangeiro, apelava para homens decididos e fortes; e eles apareceram, abandonando tudo: famílias, comodidades e até mesmo a sua segurança pessoal. No continente, foi um grupo de fidalgos valorosos; em Angola, um capitão generoso, que no Brasil havia dado já provas do poder da sua vontade, e um grupo de soldados, prontos a sacrificarem as suas vidas.

Salvador Correia, nomeado governador de Angola, vê diante de si uma missão tremenda para cumprir. O usurpador é forte e ele com poucos pode contar. No entanto, reúne todos os barcos de que pode lançar mão, comprando mesmo alguns à sua custa, e parte em direcção a Angola. Aí, um forte temporal faz-lhe perder um navio e 300 homens. Correia de Sá, porém, não esmorece. A missão teria de ser levada a cabo.

Reunido o conselho, resolve-se desembarcar em Luanda. Assim se fez. Na madrugada de 11 de Agosto, fundeavam os navios diante da cidade, ante o assombro dos holandeses. Salvador Correia manda à terra dois emissários com um ultimato, exigindo a rendição da cidade. O bravo capitão concede dois dias aos holandeses para deliberarem e, ao fim desse tempo, ante a resposta negativa dos estrangeiros, os nossos soldados desembarcam e marcham imediatamente para a parte alta da cidade, a tomar posições. O que se seguiu é fácil de descrever: o comandante português sabia que tinha de agir depressa, se quisesse sair vitorioso. E assim fez. Os portugueses atacaram impetuosamente os fortes da cidade e no dia 16, no forte de S. Miguel, os holandeses hasteiam a bandeira da capitulação. Estava ganha a cartada e fora escrita uma das mais belas páginas da história de Portugal, ainda que à custa de muito sangue e enormes sacrifícios.

Os defensores embarcaram logo após a rendição, sendo-lhes prestadas honras militares pela nossa infantaria, que formou alas à sua passagem. Aos oficiais holandeses surpreendeu o diminuto número dos atacantes portugueses.

Passados 300 anos, podemos admirar os resultados dessa valorosa empresa e os escoteiros mais que ninguém devem apreciar as qualidades desse grande português que foi Salvador Correia. A sua decisão, não vacilando ante problemas da maior responsabilidade, o seu amor e a generosidade para com a Pátria que ele tanto amou, são lições que não devemos desprezar.

Outra virtude que podemos observar neste bom português é o poder de organização que evidenciou quando governador daquela colónia. Angola encontrava-se quase em ruínas. Correia de Sá meteu ombros ao trabalho da sua reconstrução, que foi coroado do melhor êxito. Em poucos anos encontravam-se reparados os males que a ocupação estrangeira tinha disseminado e Angola vivia uma das suas épocas mais progressivas.

Foi esta a grande obra de Salvador Correia de Sá naquela colónia. Não reconquistou sòmente; soube reconstruir também.

Todavia, não bastou esta larga e proveitosa folha de serviços para dar a este fidalgo as honras que merecia. Quando já velho regressou à metrópole, grandes desgostos e humilhações o esperavam. Aqueles que deviam melhor que ninguém apreciar as qualidades deste bravo soldado e agradecer toda a sua boa vontade, cedo as esqueceram e, assim, os seus últimos anos foram passados do meio das maiores angústias e provações.

Os escoteiros de hoje não podem olvidar a missão heróica do grande restaurador de Angola. E assim, a traços largos, lembram os passos mais importantes da sua vida, homenagem simples como todas as homenagens dos escoteiros.

JOEL RIBEIRO

PALESTRAS COM UM GUIA

VII

A PATRULHA EM ACTIVIDADE

A Patrulha não se concebe de braços cruzados, porque se um Escoteiro sempre tem algo em que ocupar-se, oito Escoteiros terão muito mais em que trabalhar.

As reuniões na Caverna correm a teu cargo. Como Guia, deves planeá-las cuidadosamente para que o tempo seja aproveitado escotistamente. Um dia na semana pode ser dedicado ao estudo das práticas necessárias para saírem airosos nas provas escotistas. Se for preciso reunir com mais frequência, sem roubar tempo aos estudos ou trabalho, não deixeis de o fazer. Porém, aproveitai bem o vosso tempo.

Mas, primeiramente, levar bem gravado no cérebro que o Escotismo não tem cenário mais apropriado que o campo. Ao campo há que sair no verão e no inverno, sol quente ou chuva a cântaros. Qualquer tempo é excelente para marchar por vales e por montanhas, e eu te asseguro que nem sempre as melhores excursões são aquelas em que luz um Sol esplendoroso.

Se aspirais a ser uma autêntica Patrulha de «pés duros», que o amanhecer dos domingos vos surpreenda, mochila às costas, fora da cidade. É assim que a vossa formação escotista se desenvolverá plena de frutos, ao mesmo tempo que, curtindo o vosso corpo ao sol, e ao ar, forjareis um organismo forte e são, vos acostumareis a rir e a assobiar ante as dificuldades, a lutar e a vencer o mau tempo. Ali, a pleno ar, deveis pôr em prática todos os ensinos dos vossos Chefes e realizar os projectos feitos na Caverna.

Não é necessário que agora mesmo vos lanceis em grandes correrias. O melhor é o treino progressivo, conhecer primeiro os lugares das cercanias, acostumai-vos a marchar com os pulmões tranquilos e as pernas livres, a desenvolvê-los no bosque ou nas montanhas. Quando os músculos das vossas pernas forem duros como o aço, podereis realizar todos esses sonhos que agora fervem na tua cabeça e levar a bandeirola da Patrulha por todo o País.

E recordar sempre, sempre, que sois Escoteiros, que levais um uniforme que nas cinco partes do mundo se tem acreditado como o melhor e que seria uma enorme vergonha se vós o manchásseis com uma má acção ou uma deslealdade.

Fazei Escotismo de verdade, Escotismo Baden-Powell, Escotismo em plena natureza. Aprendereis assim muitas coisas que vos farão sentir melhores cada dia e que jamais esquecereis.

Ante ti abre-se um largo caminho que conduz à felicidade. Dá o braço aos demais Castores, e os oito irmãos juntos, ombro com ombro, marchai animosos até ao fim. Nesse caminho há altos e baixos, porém não existe nenhum obstáculo capaz de deter a marcha alegre de oito corações escotistas batendo em unísono.

Esta é a nossa última noite de acampamento. Sei que tu não olvidarás as minhas palestras destes dias, como tão pouco esquecerás o esplendor deste fogo que arde a nossos pés. Muito mais deveríamos ter falado, porém, o tempo corre inexorável e não podemos fazê-lo. Amanhã estarás só com os teus Castores. Tenho fé em ti, novo Guia de Patrulha, e estou seguro do teu êxito, porque tens coração. Mas se algumas vez necessitares de mim, junto ao fogo da minha tenda sempre há um sítio para que falemos de Escotismo.

Agora, um abraço e que tenhas boa jornada.

Saúde e boa caça!

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

N. da R. — Com este artigo terminou a série de palestras que o nosso bom amigo e velho lobo espanhol, dedicou aos guias portugueses. A melhor maneira de o felicitarmos pelo seu trabalho será recomendar aos Guias que voltem a ler, da primeira à última, as palestras. Se o fizerem, e nelas meditarem, as suas Patrulhas muito beneficiarão.

OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

estiveram representados na

REUNIÃO DE COMISSÁRIOS INTERNACIONAIS

De 29 a 31 de Julho findo, realizou-se em Kandersteg, Suíça, uma reunião de Comissários Internacionais de diversas associações escotistas, na qual Portugal esteve representado pelo Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, Escoteiro-Chefe Geral da nossa Associação, que para ali partiu em 28 do corrente por via aérea.

Esta reunião, que não teve qualquer carácter deliberativo, serviu de pretexto para troca de impressões sobre assuntos de interesse comum, e para estabelecer contactos entre os representantes das diversas associações.

Os Comissários presentes visitaram o «Chalet» do Clube Alpino Escotista, o Centro de Treino Escotista Suíço e o Acampamento Nacional Suíço, perto de Lugano, realizado em comemoração do Centenário da Constituição Suíça.

Sabemos que o nosso Delegado levava instruções do Sr. Presidente da A. E. P. para convidar os Comissários Internacionais a realizarem a sua próxima reunião em Portugal.

A Língua Auxiliar entre os Escoteiros

Entre todos os obstáculos que impedem o verdadeiro progresso e consolidação da Paz, figura sem dúvida a diversidade de línguas, pois para muitos espíritos o preconizar-se o estudo de um idioma neutro, causa-lhes um acentuado embaraço, fruto aliás natural das condições resultantes da familiaridade e semelhança das línguas portuguesa e espanhola, a quase totalidade das correntes emigratórias tomarem rumo ao Brasil, nação de idioma comum, agravado pela perniciosa influência dos *galcíparlas* preconizando para tudo e para todos o francês... isto sem falar no comércio da *linguagem escrita* dos nossos seculares aliados.

Seria fastidioso e até bater em ferro frio, citarmos autorizadas opiniões de personalidades estrangeiras, entre estas o próprio Chefe-Escoteiro Baden-Powell, citando só algumas individualidades assás conhecidas por toda a gente.

Disse Castilho: «O que mais extrema e divide os povos não são as raças, as religiões, a maneira de trajar, mas sim as línguas. Se todo o mundo falasse a mesma língua, todo ele seria um só povo, todos os homens se amariam e entenderiam como irmãos».

Mais tarde, em 1916, afirmou o conhecido filólogo Dr. Cândido de Figueiredo:

«Sem dúvida nenhuma, uma língua internacional que estreitasse as relações entre os mais diversos e afastados povos, seria um benefício enorme para toda a humanidade.

.....

«Se alguém moteja ou mofa do Esperanto, uma de duas: ou o conhece a fundo e, nesse caso, seria preferível discuti-lo e desiludir milhares de crentes; ou não o conhece e preferível seria *guardar de fionrado o prudente silêncio*».

Dez anos passados, uma revista portuguesa registou nas suas colunas, a opinião do ilustre escritor Sr. Albino Forjaz de Sampaio, da Academia das Ciências:

«As vantagens de todos falarem a mesma língua são de tal forma evidentes que nem sequer se insiste em que isso seria a realização de um dos mais belos sonhos da humanidade. Mas, ainda que esse sonho não logre nunca ser atingido, nem por isso o Esperanto deixa de ser a sua primeira *étape*. Há pois que saudar os que à obra benefi-ciente de o propagar se devotaram, com os precursores de uma era nova de paz e de civilização».

O nosso apelo não parece ter provocado interesse entre os Esco-

(Conclui na 4.ª página)



Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Actividades campistas — Este grupo realizou, nos dias 5 e 6 de Julho p. p., um belíssimo acampamento no sítio das Hortas, perto da estrada que liga Vila Real a Monte Gordo.

Durante o dia 6, houve grande actividade no acampamento tendo-se efectuado um concurso interpatrulhas. As provas constavam do melhor sub-campo de patrulha, de cozinha, de sinalização, de macas e técnica escotista.

Ficaram em primeiro lugar, com a mesma pontuação, as patrulhas «Águia» e «Lobo» seguidas da jovem patrulha «Poupa». Durante o dia 6, a Divisão Auxiliar Feminina local visitou o nosso acampamento.

Além desta actividade, têm-se relizado acampamentos nos Três Pauzinhos, na praia da Manta Rota e no Cabeço.

Totem de Honra do 60 — Após dois trimestres seguidos em poder da patrulha «Lobo», este trofeu com que o 60 distingue a patrulha mais activa durante o período de 3 meses, passou à patrulha «Águia» que, pela primeira vez, conseguiu essa honra.

Movimento da biblioteca — Durante os os últimos 6 meses foram requisitados na nossa biblioteca 500 volumes, num total de mais de 150 leitores entre sócios, auxiliares e escoteiros.

LOBO DO GUADIANA

□ □

Divisão Auxiliar Feminina de Olhão

O departamento local da Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal, realizou, no dia 6 de Julho p. p., na sede do Grupo n.º 6, uma pequena festa familiar em homenagem à sua padroeira «RAINHA SANTA ISABEL», com a presença do efectivo da D. A. F., do 6 e Comissão de Patrocínio do mesmo grupo, a qual foi presidida pelo Sr. Alfredo dos Santos Delgado.

Aberta a sessão, usou da palavra a Chefe do departamento da D. A. F., D. Rosa Inácio Pina, que fez uma breve descrição da da vida da Rainha Isabel e a razão por que a divisão auxiliar a escolheu para padroeira. Usaram também da palavra incitando o departamento ao trabalho em prol do desenvolvimento do escotismo feminino no país, os camaradas instrutor Pina e o guia de secção José Azinheira Rebelo.

Prestaram o Compromisso de Honra dois aspirantes do Grupo 6 e uma aspirante da D. A. F. e, para terminar, a D. A. F. serviu a todos os presentes um chá.

Em 11 de Julho, a D. A. F. de Olhão, realizou um bivaque na Mata dos Eucaliptos de Bela Mandil, local situado a meio quilómetro de Olhão.

O C. N. E. em Portimão

Uma delegação do Grupo n.º 6 de Olhão deslocou-se de automóvel a Portimão a fim de assistir às cerimónias de inauguração de duas patrulhas anexas ao Grupo n.º 157 do C. N. E., com sede em Faro.

Apresentou-lhe as boas vindas o Sr. Gama Pinto, Chefe Regional daquela Associação, e às 9 horas houve formatura para proceder ao içar da bandeira nacional; às 10 horas, almoço de confraternização entre dirigentes e escoteiros de ambas as associações.

À tarde, no salão nobre da Câmara Municipal, efectuou-se a cerimónia da Promessa de novos Dirigentes e Escutas em Portimão, a que presidiu o Sr. Delegado Provincial da Mocidade Portuguesa, secretariado pelos Srs. Chefe Regional do C. N. E., C. H. Tirrel, companheiro de Baden-Powell, Chefes do Grupo 6 da A. E. P. e do Grupo 157 do C. N. E., que usaram da palavra, bem como o instrutor Pina, do Grupo 6, que fez uma palestra acerca da Fraternidade Escotista.

Chefe Regional

Reassumiu a chefia desta Região o Sr. João Lobo de Miranda Trigueiros que, durante três meses, esteve ausente em viagem às nossas províncias ultramarinas.

• • o • •

O XIV Aniversário do Grupo 94

Em complemento da notícia que publicámos no último número, queremos informar que foi também louvado o escoteiro José da Encarnação Figueira.

Assistiram à sessão comemorativa, além das entidades referidas, ainda os Srs. Ernesto do Nascimento, Chefe do Departamento de Propaganda e Divulgação da A. E. P.; José Ferreira da Silva e António Lobo de Carvalho, Chefes do Grupo 79; Ayres Dinis, Chefe do Grupo 8; Manuel do Amaral, do Grupo 16; e uma grande deputação do Grupo 53.

UMA SUGESTÃO INTERESSANTE

Com vista ao ilustre Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal

As actividades escotistas, parece-me que se encontram, no momento, activando o facho luminoso da sua existência, marcando o lugar a que têm legítimo direito, como organização considerada benemérita e muito justamente galardoada pela Governo com a Ordem de Benemerência.

A par da sua actividade própria, o movimento dos escoteiros portugueses, conta no seu livro de honra, o exemplo humanitário de algumas centenas de elementos que, praticando e cumprindo a divisa de «Sempre Pronto», têm colocado ao serviço do seu semelhante a própria vida em movimentos revolucionários, incêndios, desmoronamentos, etc.

Suponho que os actos praticados, na maioria sem um conjunto que pudesse tornar a sua valiosa acção mais orgânica, mais valiosa e proveitosa, a acção dos escoteiros, neste campo, deveria merecer de quem de direito, um estudo no sentido de que a sua acção humanitária fosse de molde a organizar-se um Corpo de Escoteiros-Maqueiros, com sede própria e, se possível, um posto de socorros a feridos, onde os próprios escoteiros praticassem enfermagem auxiliar.

Consultas médicas por clínicos-escoteiros e enfermeiros-escoteiros, diplomados, dos quais poderia ser Chefe o Sr. Dr. Tovar de Lemos—para as famílias dos escoteiros; descontos em medicamentos, etc., e até um grupo de escoteiras, como igualmente auxiliares de enfermagem ou auxiliares de enfermeiras a exemplo do que faz presentemente a benemérita Cruz Vermelha Portuguesa.

Nas grandes catástrofes, ou onde a sua acção fosse necessária, lá estaria o Corpo de Escoteiros-Maqueiros, montando a sua barraca hospital, praticando assim diàriamente uma boa acção, sem contudo se desviar das suas actividades campistas.

Criava-se assim, uma célula nova no Movimento, abrindo-se a porta a uma nova e bela actividade, que os espíritos novos quase que desconheçem, impondo-se ao mesmo tempo, sem esforço, uma organização que só traria benefícios, não só para os escoteiros como para todos em geral e muito especialmente, à bem da humanidade.

No fardamento simples, mas belo, do escoteiro, assentaria bem um braçal com uma cruz vermelha, tendo ao fundo a flor de lis, símbolo de lealdade e pureza.

Nas colunas do «*Sempre Pronto*», o nosso único jornal, aqui fica a ideia.

RIBEIRO NUNES

N. R.—Sem que isto possa significar rejeição da ideia, devemos acentuar que o artigo acima reflecte uma opinião pessoal do nosso estimado colaborador Ribeiro Nunes, elemento aliás de reconhecida competência na matéria. No entanto, não deixamos de reconhecer reais méritos à sugestão, que, talvez, possa ser estudada e posta em prática. O «Sempre Pronto» *gostaria de ver o assunto debatido nas suas colunas e convida todos os elementos a quem a ideia possa interessar a nos enviarem as suas opiniões. Se a iniciativa encontrasse acolhimento nos meios escotistas, iríamos, finalmente, junto do Sr. Presidente da A. E. P. solicitar a sua opinião pessoal e oficial sobre a questão proposta.*

Ernesto Clímaco do Nascimento

No «Andes» partiu no dia 21 de Julho findo para Londres, este nosso amigo e camarada de redacção, em visita ao movimento escotista britânico, e que tomará parte nas cerimónias que ali se vão realizar para entrega das condecorações que, como noutro lugar publicamos, a A. E. P. concedeu, regressando por Paris, onde se realizarão idênticas entregas de medalhas a entidades escotistas francesas.

Todos os que trabalham no «*Sempre Pronto*» lhe desejam uma viagem feliz e agradável.

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.
Na Vidraria Nacional, Rua dos Correeiros, 91.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O Escotismo na Capital

ACAMPAMENTO GERAL

Prosseguindo na sua interessante iniciativa, os Grupos n.os 2, 5, 9, 53, 79, 85, 94 e 99—ou sejam todos os grupos que em Lisboa se devem considerar em actividade—realizaram na Mata do Alfeite, nos dias 10 e 11 de Julho p. p., o seu mensal acampamento de conjunto, com um efectivo de 96 escoteiros.

No Domingo, logo de manhã, todas as unidades acampadas se dedicaram a trabalhos de campo e à tarde, cerca das 16 horas, chegou ao campo o Sr. Eng.º Jardim, Presidente da A. E. P., que se fazia acompanhar dos Srs. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, Escoteiro-Chefe Geral; Carlos Mexia Castro Paiva, Secretário-Geral; Ernesto Clímaco do Nascimento, Chefe do Departamento de Propaganda; e ainda do dedicado amigo do Escotismo, Sr. Frederico Pereira Jardim, pai do Sr. Eng.º Jardim.

O Sr. Presidente passou demorada revista a todos os campos e demorou-se a apreciar os trabalhos efectuados pelos diversos grupos. Mereceu-lhe particular interesse o curioso forno que o Grupo 5 construiu no seu campo, e no qual cozinhou bolos, muito saborosos por sinal, como nos foi dado o ensejo de verificar. Este Grupo foi muito felicitado por este seu trabalho.

Seguidamente efectuou-se uma festa de campo, durante a qual o escoteiro Rogério Sestelo do Grupo 53 leu, em nome dos seus camaradas da Região Centro, a mensagem que abaixo publicamos.

Os Grupos 2, 5, 9, 53, 85, 94 e 99 entoaram diversas canções escotistas, efectuou-se um jogo, e o Senhor Presidente encerrou a festa manifestando a sua satisfação por tudo quanto tinha visto, pela mensagem que lhe tinha sido dedicada, e pelo espírito de colação que encontrava em todos os grupos.

Ao fim da tarde os grupos regressaram às suas sedes.

* * *

Assistimos a este acampamento, tivemos o cuidado de apreciar com atenção os diversos trabalhos efectuados e foi-nos grato verificar os progressos alcançados, por iniciativa e esforço próprios, pelos grupos da capital. Alguns grupos apresentaram uns efectivos razoáveis e os trabalhos de campo são bons. Parece-nos que se continuarem a repetir estas actividades poderão melhorar ainda mais. Sente-se a ausência dum programa de conjunto e, mesmo individualmente, pareceu-nos que, com uma única excepção, os grupos não tinham Programa estabelecido, ou, se o tinham, não era observado. As actividades eram, por isso, um tanto desordenadas e pouco metódicas. Continua-se a verificar a mistura de escoteiros das divisões júnior e sénior, com todos os seus inconvenientes.

Estas nossas rápidas observações não desmerecem em nada o valor da actividade. Reconhecemos que é impossível conseguir repentinamente o grau de aperfeiçoamento que deve existir no Movimento, visto que os grupos estão trabalhando com novos escoteiros. Por isso estas rápidas notas têm o único fim de auxiliar o desejo de todos em corrigir pequenos defeitos, que podem ofuscar o brilho das actividades. Não recusamos, pois, as nossas sinceras felicitações aos organizadores deste acampamento.

Mensagem dos Escoteiros da Região Centro, ao Presidente da A. E. P., lida por um escoteiro no acampamento do Alfeite.

Senhor Presidente e Caro Chefe:

Coube-me o grato encargo de, em nome dos meus irmãos-escoteiros de todos os Grupos da Região Centro, apresentar a V. Ex.ª, com os cumprimentos de felicitações pela sua eleição para o alto cargo de Presidente dos Escoteiros de Portugal, fraternais saudações e testemunhar-lhe a nossa satisfação por o termos à frente do nosso Movimento.

É bem fundamentado o nosso contentamento. Não temos meramente um presidente, mas um Chefe, um Chefe que é Escoteiro, que enverga a nossa farda, que é ele próprio a exemplificação viva do êxito dos princípios por que norteamos a nossa vida, do sucesso da educação que recebemos nas fileiras do Escotismo.

A acrescentar a estas condições tão agradáveis para nós, é V. Ex.ª prendado de tão notáveis capacidades de trabalho e comando, que a sua presença à frente dos destinos da A. E. P. nos veio encher o coração de esperanças no progresso associativo, no desenvolvimento do Escotismo Português. Que o Chefe nos perdoe se ferimos a sua modéstia ao fazermos estas afirmações. Porém, não as fazemos por encómio, mas por justiça. Se o escoteiro é leal, faz-nos bem, satisfaz a nossa consciência este acto de lealdade.

Porque nós sabemos que o Chefe Jardim —perdoe-nos o trato que não é irreverência, mas amizade— vai corresponder inteiramente à esperança que nos anima e essa certeza faz nascer em nós, e entre nós, a confiança, sentimento indispensável ao bom entendimento, à boa vontade, à boa colaboração.

E nós queremos afirmar-lhe neste momento que pode contar com todos os escoteiros, pois é nosso intenso desejo dedicar todo o interesse, todo o esforço à causa a que estamos ligados. O nosso espírito de disciplina, o nosso trabalho e a nossa dedicação serão a prova documental da sinceridade das nossas palavras. Por isso mesmo quisemos que esta nossa humilde homenagem se realizasse em pleno campo, onde tivesse como fundo um quadro de actividade, e fosse já uma demonstração da nossa firme vontade de trabalhar.

Portanto, Senhor Presidente, no amor e no serviço de Deus, da Pátria e do Próximo nunca hesitaremos!
Queira dar as suas ordens, que os escoteiros da Região Centro estão Sempre Prontos.

□ □

GRUPO N.º 5

Em 31 de Junho findo, este Grupo partiu para a Serra da Arrábida onde foi estabelecer o seu acampamento de férias anual. A viagem foi feita a pé, acampando, sucessivamente, na Fonte da Telha, Lagoa de Albufeira, Cabo Espichel, Calhariz (Arrábida) e Portinho. Regressaram por Palmela, onde tomaram a camioneta.

• • o • •

Intercâmbio por Correspondência

ARGENTINA

Escreve-nos o Escoteiro-Chefe argentino Sr. Oscar Ortiz, Chefe do Grupo «Sargento Cabral» da *Institucion Nacional de Boy Scouts Argentinos* solicitando que anunciemos que deseja trocar correspondência e publicações escotistas com irmãos-escoteiros de Portugal e dizendo-nos:

«*Todos os escoteiros do mundo têm de manter este contacto espiritual, a fim de conhecer os acontecimentos escotistas internacionais, estreitando fortes laços de amizade e adquirindo mais facilidade de expressão em diversos idiomas*».

A sua direcção é:

SCOUTER OSCAR ORTIZ
Entre Rios 137,
Rosário—Argentina

Esperamos que os escoteiros portugueses saberão corresponder ao interesse deste nosso camarada argentino.

Manuel de Sousa Coelho

No passado dia 27 de Julho, faleceu o nosso irmão-escoteiro Manuel de Sousa Coelho, chefe de administração do Grupo n.º 9, e um dedicado amigo e colaborador do «*Sempre Pronto*».

O Coelho—como todos o conhecíamos — era escoteiro há 12 anos e um daqueles rapazes que vive o Escotismo. Entusiasmava-se com os êxitos do Movimento, entristecia-se, desgostava-se mesmo, com os seus fracassos.

Em volta da Tabacaria do Café Suíço, de que era empregado cumpridor — e sem prejuízo dos seus deveres profissionais — juntava sempre camaradas que ali iam saber notícias do Movimento. Leal e franco, era sempre com sinceridade que manifestava a sua maneira de pensar ainda que ela fosse desfavorável, qualidade que muito apreciávamos nele. O nosso jornal fica-lhe devendo, a par de muitas provas de estima, serviços relevantes.

Muito dedicado ao Grupo 9, possuía a medalha de «Assiduidade» e «Dedicação e Bons Serviços», tendo sido louvado por diversas vezes, a última das quais em O. S. Nacional pela sua colaboração nos trabalhos de reorganização da A. E. P.

O funeral, que foi muito concorrido, realizou-se da sua residência para o Cemitério do Alto de S. João. O caixão foi conduzido até ao carro funerário, aos ombros dos Srs. Eng.º Pereira Jardim, Presidente da A. E. P.; António de Mira Calhau, Chefe Regional; Mário Fernandes, Avelino Fortes e Capitolino Ferreira Macedo, Administrador do «*Sempre Pronto*» e Chefe do Grupo 94.

No cemitério foram feitos diversos turnos por dirigentes escotistas, escoteiros e antigos escoteiros do 9.

Recorda-nos ter visto no funeral os Srs. Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, representante do Sr. Comissário Nacional da M. P.; António Mira Calhau, Chefe Regional; João Cabral, Chefe do 9; Álvaro Rodrigues, Chefe do 2; Ferreira da Silva, Chefe do 79; João Clímaco do Nascimento, Aquiles Oeiras Melquíades, Manuel Santana, Eduardo Xavier, João Patrício de Melo, Carlos Fernando Garcia, Francisco José, Artur P. Santana e João Chaubert Alves, ex-chefe do Grupo 9.

Na véspera, esteve na residência a apresentar condolências o Sr. Eng.º Brotas Cardoso, Escoteiro-Chefe Geral, e fizeram-se representar ainda os Grupos 53, 85 e 99. O «*Sempre Pronto*» esteve representado pelo seu Director.

Todos os que trabalham neste jornal apresentam à desolada Mãe do nosso saudoso camarada, as suas mais sentidas condolências.

A Língua Auxiliar entre os Escoteiros

(Continuação da 2.ª página)

teiros, primeiro pelo seu assás reduzido número, segundo pela falta de interesse em corresponder-se, mesmo em idioma português, com os seus irmãos do Continente, ilhas e Brasil.

Em consequência da morte do Secretário-Geral da Liga dos Escoteiros Esperantistas, ocorrida em Londres no princípio da última guerra, ainda não foi reorganizado o movimento que contava em 1939 delegações, patrulhas e sócios isolados em 22 países diferentes, falando umas 16 línguas.

Santa Maria—Açores. Maio de 1948.

H. T. Gomes de Freitas

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Grandes jogos de campo

INTERCEPTAR A MENSAGEM

Este jogo destina-se a ser praticado por diversas patrulhas, em terreno acidentado e em extensão proporcional ao número de patrulhas concorrentes, resultando tanto mais interessante, quanto maior for o número de patrulhas e a área do jogo. Podem tomar parte, em conjunto, patrulhas juniores e seniores, sendo uns os «atacantes» e outros os «mensageiros».

Tema—A Tribo dos Falcões pretende fazer chegar uma mensagem às mãos do seu «Grande Chefe», que se encontra isolado no Monte «X». Essa mensagem reveste-se do maior interesse para a Tribo dos Búfalos, que precisa de desvendar as intenções dos seus «inimigos», pelo que o Chefe dos Búfalos deu ordem para que a sua tribo interceptasse, a todo o custo, a referida mensagem. O «Grande Chefe» dos Falcões encontra-se no Monte «X», mas não é possível aproximarem-se dele, porquanto está defendido pelos seus melhores «guerreiros» que «matarão» todos os estranhos que se aproximarem dum determinado círculo—o «Círculo da Morte».

Pessoal—«Mensageiros», a Tribo dos Falcões, o menor número de patrulhas, metade dos «atacantes». No caso de tomarem parte no jogo escoteiros das duas Divisões, os «mensageiros» poderão ser os seniores.

«Atacantes», a Tribo dos Búfalos.

O «Grande Chefe» da Tribo dos Falcões pode ser o dirigente do exercício, visto que o seu papel é simplesmente passivo. Compete à patrulha ou patrulhas que o cercam receber qualquer mensagem que lhe seja enviada e estabelecer as sentinelas dentro do «Círculo da Morte».

Mais nenhum Chefe-Escoteiro pode participar no exercício. O Chefe da Tribo dos Búfalos será um escoteiro que não terá categoria superior a Guia de Secção. O mesmo acontecerá com o contingente da Tribo dos Falcões, que tem por missão transmitir a mensagem, bem como o que tem por missão proteger o «Grande Chefe».

Os Dirigentes presentes poderão fiscalizar o jogo, mas é-lhes vedado intervir no mesmo, ainda que seja sob a forma de esclarecimentos, conselhos ou informações.

Local do jogo—O local do jogo terá como centro o sítio onde se encontra o «Grande Chefe» e que será do conhecimento de todos os participantes. O «Círculo da Morte» será calculado para abranger um cabeço, de forma a que os «atacantes» se situem para lá do sopé. A Tribo dos Búfalos estará estabelecida em volta deste círculo que será tão vasto quanto maior for o número de participantes. É convém que seja bastante vasto para maior interesse do jogo e para que o número de participantes não seja tão denso que torne impossível o seu desenvolvimento.

A posição da Tribo dos Falcões não é conhecida visto que, pretendendo fazer chegar às mãos do «Grande Chefe» uma mensagem, os seus membros estarão dispersos para transpor a barreira dos atacantes, pessoalmente ou por meio de transmissão da mensagem.

Desenvolvimento do jogo—Antes do início todos os participantes devem ser bem esclarecidos do objectivo e das regras do jogo. Cada escoteiro usará um sinal designando a tribo a que pertence. Por exemplo: um retângulo ou um triângulo de papel ou cartão de cor.

Serão marcados as horas de início e fim do jogo, que serão assinaladas por um apito pelo Chefe do Exercício e retransmitidos pelo Chefe de cada contingente.

Sendo o objectivo da Tribo dos Falcões fazer chegar uma mensagem às mãos do «Grande Chefe», ganhará o jogo se o conseguir fazer sem que a Tribo dos Búfalos a consiga interceptar. Será ganho por esta se conseguir interceptar e tomar conhecimento da mensagem.

Será permitido raptar o «Grande Chefe», mas isso não é fácil conseguir, porque este se encontra protegido pelos seus melhores «guerreiros» e o «atacante» que for tocado dentro do Círculo fica «morto» e em poder da Tribo dos Falcões, não podendo continuar a tomar parte no jogo.

A mensagem pode ser enviada ou transmitida por todos os processos. Se for remetida por um portador, este pode usar de todos os disfarces, mas terá que manter em local visível o distintivo da Tribo. Pode ser transmitida por semáforo, som ou luz, mas não pode ser usada cifra.

Os «atacantes» tendo interceptado a mensagem, conservam-na secreta até ao fim do jogo. Será dado prévio conhecimento do seu texto ao Dirigente do jogo, ou a um árbitro, pela Tribo dos Falcões, o que servirá para verificar se os Búfalos interceptaram, de facto, a mensagem.

Todos os mensageiros, ou sejam todos os Falcões, que forem tocados ficam «prisioneiros»; podem ser revistados, e serão conduzidos a um «campo de concentração», de onde só podem ser libertados por um camarada que o faça sem ser tocado.

No final do jogo, se a mensagem não foi transmitida nem interceptada, ganha a Tribo que tiver feito maior número de «prisioneiros» ou «mortos».

O jogo terminará logo que a mensagem chegue ao destino, independente da hora marcada.

Insígnias de aptidão

COZINHEIRO

Para escoteiros com menos de 15 anos de idade.

Insígnia: **Uma grelha:**

1. Construir uma Cozinha de Campo, devidamente equipada, com fogueira, e preparar aí três dos seguintes pratos: um estufado, carne assada, hortaliças, ovos mexidos, pudim de leite, compota de frutas, ou outros pratos que o Examinador considere equivalentes, e café, chá ou cacau.
2. Saber como abastecer e guardar provisões de uma maneira higiénica e cozinhar satisfatòriamente no campo a alimentação para um Grupo ou Patrulha, para não menos que um dia completo.
3. Cozinhar dois dos seguintes doces: Torta, aperitivos e bolo folhado.

MESTRE COZINHEIRO

Para escoteiros com mais de 15 anos de idade.

Insígnia: «O Ar Livre» (Insígnia colectiva):

1. Cozinhar para uma Patrulha, no campo e ao ar livre (em qualquer tipo de forno), incluindo assado, frito, cozido, pão, bolos, pudins, bebidas e molhos. Preparar e servir os alimentos, pontualmente e quentes, seguindo os preceitos das boas maneiras.
2. Saber como comprar o alimento, fazer o orçamento e programa de ementas de dietética sadia, incluindo quantidades requeridas para um campo de uma semana para um mínimo de duas patrulhas de cinco escoteiros cada. O limite para a despesa será estabelecido pelo Examinador.
3. Saber como preparar uma refeição quente, duas espécies, e uma bebida quente, sem utensílios, excepto uma chaleira.

II Exposição de Fotografias Escotistas

Em face do êxito obtido pela I Exposição de Fotografias Escotistas, está o Grupo n.º 5 organizando nova exposição, a que pretende dar este ano maior amplitude e novos aspectos.

Cada Grupo concorrerá com um mínimo de 12 e um máximo de 24 fotografias, nos formatos de 9 × 14, 13 × 18, 18 × 24 e uma 24 × 30. A fotografia deste último formato deverá ser o melhor exemplar de cada grupo concorrente, constará de uma sala especial, e um júri, nomeado pelo Sr. Presidente da A. E. P., classificará entre todas a «melhor fotografia», no aspecto escotista, artístico, originalidade e emolduramento.

O Grupo n.º 5 enviou a todos os Grupos comunicação das condições exigidas a cada concorrente e espera que da boa colaboração de todos resultará um novo êxito nesta segunda exposição.



Uma tragédia no mato

O velho aspirava, deliciado, uma fumaça do cachimbo.

Alto, magro, as veias a salientarem-se no corpo. Chalueca olhava, melancólico, o poente. Viera das terras do Cuamato, que ficavam a dois dias de marcha, a fim de ver um filho, soldado no *Lubango* (1) e na caminhada longa pelo sertão, calhara a pedir pousada naquela *mocunda* (2).

O lume elevava-se para o céu. Em torno da *cubata* (3) os negros agrupavam-se, curiosos, à espera que o visitante contasse passagens da sua vida, tão vetusta como o tempo. Para o longe, esgueirava-se a selva com *libatas* (4) de pau a pique, defendidas por sebes espinhosas. Perto, em clareiras, viam-se os *arimbos* (5), cultivados de *massambala* (6) e *massango* (7). Reinava em tudo uma paz enternecedora e calma.

Robustos, elegantes, orgulhosos, os cuamatos estavam suspensos dos lábios do velho, que gozava fama de bom conversador.

—O branco trouxe a guerra ao Cuamato. Vinha gente, muita gente. Os nossos rapazes iam-se batendo bem, aproveitando as árvores e os rochedos escuros. De todo o sertão, veio gente negra. Vieram os cuambis, que trabalham o ferro, e traziam armas brancas. Vieram os evales, os barantos, os hingas, tribos das mais diversas, unidas apenas no grande ódio ao branco. Mas ninguém tão destemido como os nossos cuamatos.

Um velho negro, perguntou, relanceando os olhos no longe:

—E o cuanhama?

—O homem do Cuanhama (8), o Nande, fez-se amigo do branco, mas os seus *lengas* (9) vieram à *chana* (10) do *Mufilo* (11). Os nossos devastavam tudo. Mas o branco veio e a cavalo com as lanças picava os nossos rapazes que faziam fogo nos morros de *salalé* (1). E morreu muita gente, nos matos era um acabar de vidas...

Ouvia-se o uivo do *quizumba* (2). Entre arbustos espinhosos, as raposas latiam. A Lua contornava agora de uma palidez intensa a pujança do sertão. Chalueca olhava em volta, solene.

—*Batia-se cua* (3). Nas *chanas*, outrora desertas, onde nem pássaro esvoaçava, ia um tropel de gente branca, com engenhos singulares de destruição. E a guerra tomou o Cuamato inteiro. O negro juntou-se todo, mas o branco...

—Era mais forte? O *Mueneputo* (4) é poderoso e tudo tem de ser dele,—sentenciou um dos ouvintes.

—Sim. Mas talvez lhe acontecesse o que sucedeu no Pembe, onde naqueles *mutiatis* (5), os nossos *lengas*, entraram a matar. Mas é que à frente do branco vinha um negro, vestido de soldado. Era o fidalgo Caripaluli, que, por vingança, fora oferecer-se ao *Cambuta* (6) para guiar os inimigos do seu povo.

O auditório não pôde abafar uma exclamação de pasmo.

—Pois as nossas balas e as zagaias de nada serviram. Os brancos tinham feitiço e, quando tombavam, riam da morte. E as *embalas* (7) iam sendo queimadas, os gados fugiam diante dos cavalos. Quando a *matenda* (8) fazia pum e depois lá longe outra vez pum, matava muito guerreiro. Às vezes, deitavam ao ar umas luzes para nos verem. E o soba disse, cheio de pasmo: A força do branco é muita! A terra tem de ser dele...

O tempo passou. O branco recolheu os ossos no Pembe. Já o Cuamato não resistia. Mandámos alguns dos nossos *seculos* (9) falar às boas com o branco. Esses viram o *Cambuta* olhar para o fidalgo da nossa raça e com um gesto abraçar tudo que se via em redor. Caripaluli respondera: «Quêto! Quêto!» (10). O negro ia ser feito soba pela gente do *Mueneputo*.

—E chegou a ser soba? — perguntou um velho.

—Vais ouvir. Os nossos chegaram ao bivaque. Bateram três vezes com o *portinho* (1) à entrada do cercado, cantando o cântico de guerra. O *Cambuta* deu o sim. A paz voltaria a reinar. Já era tempo. Mas Caripaluli não mais riu e sempre que se encontrava connosco, não tinha nos olhos a limpidez das consciências calmas.

A assistência continuava a ouvir, em silêncio, a história do visitante.

—O *Cambuta* mostrou ao povo o novo soba. Mas os rapazes, os novos, abandonaram a *embala* sem o saudar. E em vez da mais linda rapariga, nós resolvemos que se apresentasse uma velha, que lhe ia levar um presente.

Riram os negros. Chalueca prosseguiu a sua narrativa:

—Um dos nossos disse ao negro que encaminhou o branco: «És nosso soba porque o *Mueneputo* quis mas ninguém te respeita nem te obedece». Um dia, os brancos içaram a bandeira. Prepararam a aclamação. Caripaluli estava triste como uma noite de trovão. Porquê? Ele ia ser soba, senhor de todo o Cuamato... Ia ter gados fartos e formosas mulheres... Sim, porque razão estaria ele triste?

«E daí a pouco, ouviu-se um tiro. Os brancos correram ao páteo de honra e viram o fidalgo com o rosto retalhado por uma bala. Quisera ir ao encontro da morte...

Chalueca fez um pausa, interrompida por um negro:

—Caripaluli morreu?

—Não. Os cuamatos debandavam e o *Cambuta* voltou-se para um dos nossos velhos, chamado Chatirua e, perguntou-lhe se havia alguém capaz de ser soba. O velho, ouvidos os *lengas* indicou o fidalgo Popiene.

As chamas extinguiam-se, aos poucos e poucos. Chalueca concluiu a sua história:

—Popiene veio. O branco levantou a bandeira na *embala*. Pusemo-nos todos de pé e calados. Ouviu-se três vezes: «*Mueneputo Ió, Ió*». *Cambuta* pôs a mão direita sobre a cabeça de Popiene. A bandeira desceu e foi entregue ao novo soba, que passou a chamar-se *Cambungo* (2). Depois correu o *mussôro* (3), enquanto o branco com Caripaluli abandonava o Cuamato...

* * *

Noute funda. O silêncio tombou, solene e majestoso, na *libata*. Ape-

(1) Sá da Bandeira.
(2) Povoação.
(3) Moradia.
(4) Povoações.
(5) Fazendas.
(6) e (7) Leguminosas.
(8) País da carne.
(9) Chefes de guerra.
(10) Planície.
(11) Silêncio.

(1) Formiga.
(2) Hiena.
(3) Chamava-se à guerra.
(4) Portugal.
(5) Matos.
(6) Roçadas.
(7) Palácio real.
(8) Peça de artilharia.
(9) Ministros.
(10) Obrigado.

(1) Bastão.
(2) O lobo.
(3) Cão selvagem.

(Continua na 7.ª página)

«Ecos do Jamboree»

O Boletim Oficial n.º 1/48 publicou o seguinte despacho, que desejamos transcrever na íntegra:

A realização do «Jamboree de 1947», em França, constituiu uma afirmação da vitalidade do Movimento Escotista em que Portugal se fez representar por contingentes do «Corpo Nacional de Escutas» e da Associação dos Escoteiros de Portugal, com o apoio oficial do Governo Português.

Não podem os Escoteiros de Portugal esquecer quanto esforço, dedicação e sacrifícios exigiu do «Escotismo Francês» a perfeita organização do «Jamboree de 1947», e a forma como o contingente português foi distinguido no decurso daquela reunião internacional.

Nestas condições, dentro do disposto no Art. 2.º dos Estatutos, em nome da Direcção concedo as recompensas associativas abaixo designadas aos seguintes dirigentes do «Jamboree» de 1947:

Medalha de Agradecimento, Dedicação e Bons Serviços—Classe Ouro—Henri Van Effenterre—Comissário Geral do Jamboree.

Medalha de Agradecimento, Dedicação e Bons Serviços—Classe Prata—Charles Celier—Comissário do Campo dos Delegados; Serge Baret—Chefe do Sub-Campo «Algérie»; Jacques Guérin Desjardins—Comissário Intérprete Oficial.

Medalha de Agradecimento, Dedicação e Bons Serviços—Classe Cobre—Condessa de Waresquiel—Comissária Adjunta do Campo dos Delegados; Marie Louise Thiss—Comissária Adjunta do Campo dos Delegados.

Estas condecorações serão entregues em Paris pelos delegados da A. E. P. no seu regresso de Inglaterra, reunindo-se ali ao Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, Escoteiro-Chefe Geral, no seu regresso da Conferência de Kandersteg, Suíça.

Á venda na Redacção do "Sempre Pronto,,

AJURI: n.os 13, 14, 15 e 16

=Antiga revista escotista brasileira=

Cada exemplar Esc. 1$00

Pelo correio acresce o porte

Uma tragédia no mato

(Continuação da 6.ª página)

nas, de quando em vez, se ouve o uivo dos *mabecos* (1) vagueando na imensidade bárbara da selva.

MANUEL FERREIRA

(1) Cão selvagem.

BIBLIOGRAFIA:

Algumas frases ditas por Chalueca, são extraídas do livro «Alma Africana» de Augusto Casimiro e da reportagem de Álvaro Penalva.

Como nós vencemos no Cuamato, por Alvaro Penalva, (*in* «Ilustração Portuguesa» de 1908).

Alma Africana, por Augusto Casimiro.

Martins de Lima, por Manuel Ferreira.

Gente do Mundo Português. Caripalulu e a sua tragédia, por Manuel Ferreira, (*in* «Mundo Português», de Junho de 1941).

Roçadas na ocupação do sul de Angola, por A. de Almeida Teixeira.

Associação dos Escoteiros de Portugal

SERVIÇOS CENTRAIS

Boletim Oficial n.º 1/48

Sumário do Boletim publicado em 15 de Julho p. p.

I—*Norma*

1—Fraternidade Escotista.

II—*Determinações da Direcção*

1—Determinação n.º 1 (Considera revogado o Regulamento Geral de 1932, fixa a reunião da Conferência de Dirigentes para Abril de 1949 e promulga diversas normas regulamentares transitòriamente em vigor).

2—Determinação n.º 2 (Fixa as normas de funcionamento do Tribunal de Honra).

3—Determinação n.º 3 (Fixa diversas regras de correspondência).

4—Determinação n.º 4 (Mensário «*Sempre Pronto*»).

III—*Despachos do Presidente*

1—Despacho n.º 1 (Nomeia os membros do T. H.).

2—Despacho n.º 2 (Nomeia o Chefe da Região Centro).

3—Despacho n.º 3 (Nomeia o Delegado da AEP junto do mensário «*Sempre Pronto*»).

4—Despacho n.º 4 (Concede a medalha de Mérito Escotista à «*The Boy Scouts Association*»).

5—Despacho n.º 5 (Concede a Medalha de Mérito Escotista ao Director do «*Boy Scouts International Bureau*»).

6—Despacho n.º 6—(Concede a Medalha de Agradecimento, Dedicação e Bons Serviços ao Secretário do «*Boy Scouts International Bureau*»).

7—Despacho n.º 7 (Concede vários graus da Medalha de Agradecimento, Dedicação e Bons Serviços, a dirigentes do «*Scoutisme Français*» que actuaram no «Jamboree de 1947»).

IV—*Ordem de Serviço Nacional n.º 3/48*

1—Saudação.
2—Ficheiro.
3—Prémios e Recompensas.
4—Angariação de donativos.
5—Actividades de conjunto e de Grupos.

TRIBUNAL DE HONRA

Para formarem o Tribunal de Honra da A. E. P. foram nomeados no B. O. n.º 1/48 os Srs. Dr. Francisco Cortez Pinto, Dr. Gonçalo Mesquitela e Eng.º José Maria Nobre dos Santos, cujos nomes dispensam quaisquer adjectivos, porquanto, as suas virtudes e integridade de carácter são por todos reconhecidas e respeitadas e constituem garantia suficiente do espírito de justiça que presidirá às deliberações que, porventura, tenham de vir a tomar.

REGIÃO CENTRO

No mesmo Boletim a que nos vimos referindo foi nomeado Chefe da Região Centro o Sr. António de Mira Calhau, que exercia desde há anos o cargo de Sub-Chefe do Grupo n.º 115, presentemente inactivo.

BRITISH BOY SCOUTS ASSOCIATION

Passando este ano o 40.º aniversário da fundação da Associação dos Escoteiros Ingleses e em reconhecimento do «valor da sua contribuição para o progresso e desenvolvimento do Movimento Escotista e para o estreitamento da fraternidade entre os escoteiros dos diversos países, promovendo a efectivação do 1.º «Jamboree» e oferecendo o seu dedicado contributo em todas as realizações posteriores», «desejam os Escoteiros de Portugal afirmar, neste momento, o seu apreço pelo valor e mérito do trabalho educativo realizado por aquela Associação e, nestas condições», a Direcção da A. E. P. resolveu conceder-lhe a *Medalha de Mérito Escotista, classe ouro.*

Esta condecoração será entregue em Londres pelos Srs. Secretário das Relações Exteriores, Secretário Geral e Chefe do Departamento de Propaganda e Divulgação da A. E. P. que, para esse motivo, se dirigiram à capital inglesa.

BOY SCOUTS INTERNATIONAL BUREAU

Desejando os Escoteiros de Portugal traduzir ao Director do «*Boy Scouts International Bureau*» o seu apreço pelo excepcional trabalho realizado na orientação da Secretaria Internacional e das actividades de cooperação das diversas associações escotistas, a Direcção da A. E. P. resolveu conceder ao Coronel J. S. Wilson a *Medalha de Mérito Escotista, classe ouro.*

«No trabalho do «*Boy Scouts International Bureau*» tem-se distinguido, colaborando intimamente com o seu Director, o actual Secretário, R. T. Lund, a que os Escoteiros de Portugal têm a agradecer uma sempre dedicada atenção e uma estima que muito tem contribuído para valorizar a nossa representação no quadro da Fraternidade Escotista, pelo que a Direcção da A. E. P. resolveu conceder-lhe a *Medalha de Agradecimento, Dedicação e Bons Serviços, classe ouro.*

Estas condecorações serão entregues em Londres pelos representantes da A. E. P. que ali se encontram.

35.º ANIVERSÁRIO DA A. E. P.

O próximo número do «*Sempre Pronto*» será comemorativo do 35.º aniversário da A. E. P.

Estamos diligenciando publicar uma resenha dos principais factos da história do Escotismo em Portugal, pelo que pedimos a todos os antigos escoteiros o favor de facultarem alguns apontamentos de factos que julguem interessantes figurar nessa resenha.

Igualmente pedimos a todos os Grupos, activos ou inactivos, o favor de nos comunicarem com urgência a data da sua fundação e o nome do seu primeiro dirigente.

A todos o «*Sempre Pronto*» muito agradece.

O «SEMPRE PRONTO» E OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Pelo Boletim Oficial n.º 1 de 15 de Julho p. p., foi publicado o seguinte documento:

4—Mensário «Sempre Pronto»

No desejo de reunir os esforços de quantos possam contribuir para o aperfeiçoamento e expansão do trabalho dos Escoteiros de Portugal, procura a Direcção estreitar o contacto com todos os que, mesmo afastados do serviço activo, não deixem de oferecer a possibilidade duma útil colaboração.

A acção que vem sendo exercida pelo mensário «*Sempre Pronto*» não pode deixar de reconhecer-se como apresentando acentuado interesse e revestindo aspectos que permitem contribuir para a satisfação daquele objectivo.

Sente-se, porém, a necessidade dos Escoteiros de Portugal disporem dum órgão oficial que leve a todos antigos e actuais escoteiros o conhecimento exacto da actividade realizada e traduza o pensamento orientador daqueles a quem incumbe a direcção do Movimento, avivando laços de união e firmando a posição de todos em face dos superiores objectivos a cujo serviço se hão-de dedicar as melhores energias. Não parece, no entanto, aconselhável desprezar o trabalho já realizado, nem criar duplicações, através da existência de vários órgãos cuja concorrência sem sempre seria compreensível e cuja expansão seria certamente afectada no limitado campo das possibilidades associativas.

Por outro lado a vida do mensário «*Sempre Pronto*» decorre hoje inteiramente à margem da orgânica dos Escoteiros de Portugal e entregue exclusivamente à iniciativa e responsabilidade de escoteiros a quem se deve a sua organização e a continuidade do seu regular aparecimento.

É legítimo admitir que os dirigentes daquele mensário pretendam manter a sua autonomia própria e não se afigura que desse facto possa advir qualquer inconveninte para as finalidades do Movimento desde que a sua actuação se enquadre nos princípios fundamentais do Escotismo e não possa trazer atitude de afastamento das directrizes que à Direcção dos Escoteiros de Portugal compete definir nos termos dos Estatutos.

Da maior vantagem parece portanto adoptar uma solução que permita ao mensário «*Sempre Pronto*» continuar na sua posição de completa independência, mas integrando o seu labor na orientação geral que seja estabelecida pelos órgãos directivos da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Nestas condições a Direcção decidiu estudar com os responsáveis pela vida daquele mensário os termos do reconhecimento oficial da sua publicação, em ordem a garantir o cumprimento oficial do que acima se define.

Graças à boa vontade e espírito de compreensão evidenciados, torna-se possível a total satisfação dos justos interesses referidos, esperando-se que isso conduza a uma melhor reunião e coordenação de esforços ao serviço do patriótico labor dos Escoteiros de Portugal.

Nestes termos, ao abrigo do disposto no n.º 5 do § 3.º do Art. 11.º dos Estatutos, a Direcção determina para ser observado e cumprido:

1.º—É reconhecida oficialmente a publicação do mensário «*Sempre Pronto*», propriedade do «Círculo Fraternal de Cooperação Escotista», sendo-lhe facultado o uso da insígnia e divisa dos Escoteiros de Portugal.

2.º—O mensário «*Sempre Pronto*» manterá em tudo a inteira orientação própria, integrando-se nos princípios fundamentais do Escotismo e no respeito pelas directrizes gerais definidas pela Direcção dos Escoteiros de Portugal.

3.º—Para assegurar a execução do disposto no número anterior será nomeado um Delegado da Associação dos Escoteiros de Portugal junto do mensário «*Sempre Pronto*», que dependerá directamente do Presidente da Associação, perante o qual será responsável, competindo-lhe:

a) acompanhar a publicação daquele mensário, inteirando-se do texto do original que se pretenda inserir em cada número.

b) informar-se junto da Direcção do fundamento que tenham as notícias de carácter nacional ou internacional sobre a actividade do Movimento Escotista e que hajam chegado directamente ao conhecimento daquele mensário.

c) impedir a publicação de artigos ou noticiário que não se enquadrem no definido no número anterior.

d) requerer à Direcção todo o apoio que se torne necessário e que a esta seja viável conceder dentro das suas possibilidades e atribuições.

e) assegurar a perfeita e harmónica ligação entre os dirigentes do mensário «*Sempre Pronto*» e a Direcção.

Lisboa, 15 de Julho de 1948. Ano XXXV dos Escoteiros de Portugal —*Jorge Pereira Jardim; Jorge Brotas Cardoso; Carlos Mexia de Castro Paiva; Alexandre Ascensão Cardoso; Henrique Alves de Azevedo.*

3—Despacho n.º 3

Ao abrigo do disposto no Art. 17.º dos Estatutos, e nos termos do número 3.º da Determinação n.º 4 publicada neste Boletim Oficial, em nome da Direcção nomeio o Sr. Eduardo Ribeiro Júnior para Delegado da Associação dos Escoteiros de Portugal junto do mensário «*Sempre Pronto*». — Lisboa, 15 de Julho de 1948. Ano XXXV dos Escoteiros de Portugal. — O Presidente, *Jorge Pereira Jardim.*

Ao transmitirmos aos nossos amigos e leitores a determinação e despacho acima, desejamos esclarecer que estes documentos devem ser interpretados como uma simpática manifestação de espírito escotista, boa vontade e desejo de colaborar do Sr. Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal que, envolvendo o reconhecimento da posição que o «Sempre Pronto» conquistou dentro do Movimento Escotista, não podia ter, da nossa parte, senão o melhor acolhimento, pronta e voluntária adesão.

Não houve, nem há, quebra na orientação seguida pelo nosso jornal desde a primeira hora. A nossa missão é servir o Escotismo, cientes de que essa é uma maneira de realizar um trabalho construtivo a bem da Educação. Se se verifica que serviremos melhor — e estamos certos disso — integrados na actual orgânica associativa, não temos que hesitar, tanto mais que o fazemos sem prejuízo da nossa independência e no pleno uso da nossa livre vontade, o que mais autoridade nos dá para afirmar que continuamos fiéis à Promessa de servir a Deus, a Pátria e o Semelhante.

A DIRECÇÃO

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

De viagem—Encontra-se em Angola o nosso estimado amigo e assinante Sr. Eng.º Fausto Salazar Leite, antigo dirigente escotista, de onde deve regressar dentro de breves dias. Fazemos votos de uma excelente viagem de regresso.

● O nosso amigo e camarada Sr. Carlos Mexia de Castro Paiva, que, como noutro local noticiamos, foi a Londres e Paris em representação da A. E. P., dirige-se depois à Bélgica, contando visitar no regresso, em Madrid, os nossos camaradas membros da Patrulha «Lobo Gris».

Fazemos votos de óptima viagem.

Doentes—O nosso irmão-escoteiro Artur Pinto Santana, do Grupo 9, encontra-se em convalescença da enfermidade que o reteve no leito durante os últimos meses. Desejamos-lhe pronto e completo restabelecimento.